

## **Análise de mesclas conceptuais em produções multimodais virtuais** **Analysis of conceptual blends in virtual multimodal publications**

Maria Fernanda M. Barbosa\*  
Tamires M. Barbosa\*\*

---

**RESUMO:** Neste artigo, teremos a análise de três produções multimodais à luz dos pressupostos teóricos da Metáfora e da Mesclagem Conceptual. Primeiramente, buscam-se demonstrar a criatividade metafórica que está presente ao longo da vida acadêmica dos graduandos e nos acontecimentos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro. A partir disso, descrevem-se os processos de mesclagem da interação texto-imagem na conceptualização dos significados acessados na interpretação de postagens extraídas da página virtual Uerj da depressão (UDD), considerando-se os contextos de uso e o conhecimento histórico-cultural compartilhado pelos usuários da língua. A fim de se evitar uma análise subjetiva e singular, adotaram-se os seguintes critérios: (a) contataram-se os responsáveis pelas publicações de conteúdos informativos e humorísticos vinculados na Uerj da Depressão (UDD); (b) as produções multimodais foram apresentadas a 15 sujeitos adultos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), solicitando-lhes que fornecessem uma interpretação escrita para as imagens apresentadas. Os resultados revelam que a criatividade metafórica está no uso da linguagem cotidiana. Concluímos que, em cada postagem, se ativam vários frames em nossa mente, atuando como facilitadores da compreensão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metáfora conceptual. Mesclagem conceptual. Textos multimodais.

---

**ABSTRACT:** This paper analyses three multimodal productions following the theoretical assumptions of the Blending and Conceptual Metaphor. First, we aim to demonstrate the metaphoric creativity presented throughout the academic life of the students and the events occurred in Rio de Janeiro city. After that, we describe the merge processes of the text-image interaction in the conceptualisation of the meanings that have been extracted from virtual page Uerj depression (UDD), considering the use of contexts and historical and cultural knowledge shared by language users. In order to avoid a subjective and unique analysis, the following criteria are adopted: (a) contact with responsible person for the publication of informative and humorous content of Uerj Depression (UDD); (b) the three multimodal productions were presented to another university undergraduates and we asked them to do an interpretation written to the images shown. The results reveal that a metaphorical creativity is in use of everyday language. We conclude that, in each post, are activated several frames in our mind, acting as facilitators of understanding.

**KEYWORDS:** Conceptual metaphor. Blending; Multimodal texts.

---

---

\* Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. [fernanda136@gmail.com](mailto:fernanda136@gmail.com)

\*\* Mestre em Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. [tamymb@yahoo.com.br](mailto:tamymb@yahoo.com.br)

## 1. Introdução

Neste trabalho, temos uma análise de três publicações coletadas em uma página de relacionamentos virtuais, conhecida como Uerj da Depressão (doravante UDD), à luz das teorias da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, [2002] 1980; KÖVECSES, 2005) e da Mesclagem Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Cabe ressaltar que a maioria das postagens da UDD é realizada pelos próprios moderadores e reflete o cotidiano da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (de agora em diante UERJ) e os acontecimentos da cidade do Rio de Janeiro. O objetivo principal deste artigo é evidenciar os tipos de mesclagens que estão envolvidos nas conceptualizações das interpretações na interação texto-imagem e demonstrar a criatividade metafórica envolvida no percurso acadêmico dos graduandos da UERJ.

O texto apresenta-se estruturado da seguinte maneira: na seção seguinte, apresentamos, de forma resumida, o aporte teórico que embasa a pesquisa – as teorias da Metáfora e da Mesclagem Conceptual. A seguir, descrevemos o *corpus* analisado, informando a metodologia empregada na coleta de dados e, logo após, analisamos três publicações que evidenciam os processos cognitivos acessados na interação texto-imagem. Por fim, tecemos as considerações finais.

## 2. Embasamento teórico

Nesta seção, serão apresentadas brevemente as teorias da Linguística Cognitiva que embasam nossa análise, a saber: a metáfora e a mesclagem conceptual.

### 2.1 Teoria da Metáfora Conceptual

A metáfora, durante muito tempo, foi considerada apenas como um recurso da linguagem, tendo o seu uso restrito às formas estilísticas. Lakoff e Johnson ([2002] 1980), através da obra *Metaphor we live by*, quebram esse paradigma ao atribuírem um uso dinâmico e flexível à metáfora conceptual, ocorrendo também em nossas interações cotidianas, uma vez que qualquer indivíduo é capaz de cunhar metáforas. Para os autores, uma metáfora conceptual consiste na compreensão de domínios diversos da experiência humana através de conexões metafóricas de domínios diversos, ou seja, a Teoria da Metáfora Conceptual (doravante TMC) compreende um domínio conceptual em termos de outro domínio conceptual.

Para que possamos entender o funcionamento da TMC, utilizaremos um exemplo clássico, retirado de Lakoff e Johnson ([2002] 1980, p.47-48), da seguinte metáfora conceptual: DISCUSSÃO É GUERRA.

Suas afirmações são indefensáveis.  
Suas críticas foram direto ao alvo.  
Eu nunca o venci numa discussão.

Nota-se que somos capazes de interpretar esta metáfora experienciando-a em termos de comportamentos humanos, em que podemos vencer ou perder um debate, defender a própria ideia ou atacar as demais. Trata-se, portanto, de uma metáfora conceptual que emprega termos largamente utilizados no campo bélico, baseada em imagens e conceitos de discussões e guerras. Ainda que não haja nenhuma guerra, física ou verbal, esta estrutura metafórica se reflete em uma grande variedade de expressões encontradas em nossa linguagem cotidiana.

Em DISCUSSÃO É GUERRA, temos a seguinte estrutura conceptual: DOMÍNIO CONCEPTUAL A É DOMÍNIO CONCEPTUAL B. É importante ressaltar o caráter unidirecional da TMC, denominado, por Lakoff ([2002] 1980), de domínios alvo e fonte. O mapeamento metafórico sempre ocorrerá do domínio fonte (mais concreto), guerra, para o domínio alvo (mais abstrato), discussão. As correspondências conceptuais são correspondências de bases ontológicas entre domínios reais da experiência, logo, não consideramos a metáfora como parte da gramática, nem do léxico, mas sim do sistema conceptual, constituindo um modo a partir do qual somos capazes de conceptualizar a realidade.

## 2.2 Mesclagem Conceptual

A Teoria da Integração Conceptual (de agora em diante TIC), também conhecida como Teoria da Mesclagem Conceptual, postulada por Fauconnier e Turner (2002), surgiu para dar conta de fenômenos obscurecidos pela TMC, como, no exemplo clássico, “este cirurgião é um açougueiro” (FAUCCONNIER; TURNER, 2002, p. 57). O referido exemplo não pode ser explicitado somente por meio da projeção de dois domínios conceptuais, em que utilizamos o domínio fonte para compreender o domínio alvo, pois necessita de uma projeção de diversos domínios de entrada sobre o domínio alvo. Nesse caso, temos: (a) o açougueiro sendo relacionado ao médico; (b) o animal (carcaça) relacionado ao ser humano; (c) o cutelo, constituindo uma analogia direta ao bisturi; (d) o açougue, tido como a sala operatória; e,

finalmente, (e) o corte da carne, referindo-se a incisão feita sobre a pele humana durante um processo cirúrgico. Logo, a compreensão desse enunciado evidencia aspectos não explicitados pela TMC, visto que não leva em conta a existência de um novo significado que é projetado no espaço mescla.

A integração ou mesclagem conceptual assume um modelo capaz de elucidar as operações cognitivas, existentes entre os mapeamentos e as projeções, de modo a descrever a compreensão de metáforas complexas que necessitam de vários domínios de entrada sobre um domínio alvo. Com relação às metáforas, a mesclagem não opera somente com mapeamentos entre dois domínios conceptuais, mas também atua juntamente a uma estrutura cognitiva, denominada de espaços mentais.

Os espaços mentais são formados à medida que pensamos e falamos para que possamos compreender o contexto enunciativo. Eles representam as experiências particulares, constituídas por domínios conceptuais estáveis e esquemas de imagens contidas em nosso Modelo Cognitivo Idealizado (LAKOFF, 1987). Esse é responsável pelo armazenamento de informações contidas na memória de longo prazo.

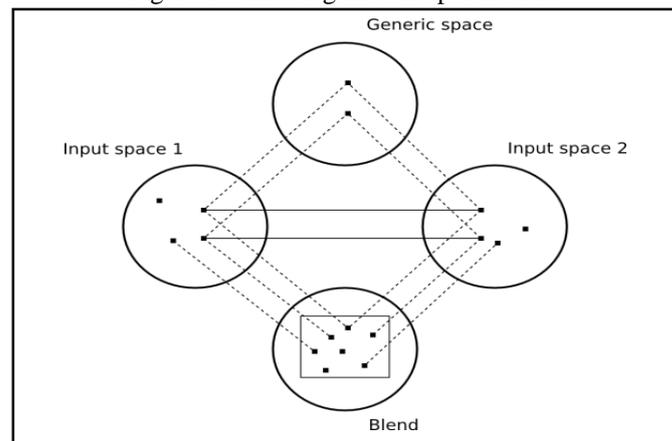
A noção de Modelos Cognitivos Idealizados (doravante MCI) é similar à noção de *frame* de Fillmore (1982), já que ambos se relacionam com as estruturas de conhecimento relativamente complexas. Os MCI's são ricos em detalhes e são "idealizados", porque representam uma escala de experiências em vez de representar instâncias específicas de uma dada experiência (EVANS; GREEN, 2006, p. 270).

Para explicar a criatividade metafórica, Fauconnier e Turner (2002) utilizam, como exemplo, a caminhada de um monge budista e sua espiritualidade, descrita a seguir:

Um monge budista parte, ao alvorecer, em direção ao cume de uma montanha. Após longa e árdua caminhada, ele atinge seu destino no momento do pôr do sol. Lá, afastado das inquietações mundanas, ele permanece por alguns dias, e, profunda meditação, até que chega o momento de empreender sua jornada de volta. Partindo novamente ao raiar do dia, ele caminha o dia todo até o sol se pôr, chegando assim à base. Sem fazer conjecturas referentes à partida ou chegada, ou mesmo ao ritmo da caminhada, prove que existe um ponto na trajetória, pelo qual ele passa, exatamente na mesma hora do dia, tanto na ida quanto na volta. (FAUCCONNIER; TURNER, 2002, p. 39)

A rede de integração conceptual, projetada para a solução do enigma do monge budista, é composta por quatro espaços mentais, conforme ilustrado na Figura (1), a saber:

Figura 1 – Mesclagem conceptual básica.



Fonte: Fauconnier e Turner (2002, p. 46).

Em (1), temos: (a) os espaços de entrada - caracterizados pelos espaços mentais que são estruturados a partir dos *inputs* recebidos. O caso do monge budista apresenta dois espaços de entrada. O primeiro é constituído pela representação da cena em que o monge está subindo a montanha e o segundo é representado pela descida da montanha pelo monge budista; (b) o mapeamento entre os espaços - são os mapeamentos que conectam os espaços mentais. No exemplo do monge budista, temos o percurso (*input 1*) e a montanha (*input 2*), de modo que sejam mapeados de um espaço mental a outro; (c) o espaço Genérico - espaço mental que surge a partir dos espaços de entrada e contém características comuns aos dois *inputs*, especialmente à nível de conhecimento enciclopédico. Ainda no exemplo do monge budista, podemos aplicar o nosso conhecimento sobre montanhas, caminhos e monges budistas; e (d) o espaço Mescla - espaço mental em que todos os elementos dos dois *inputs* são mesclados em um único espaço, representado pela cena esquemática do monge budista que se encontra em determinado ponto da montanha.

O complexo processo de mesclagem conceptual, por meio das conexões estabelecidas a partir dos espaços de entrada, possibilita o surgimento de relações estruturais conhecidas como redes de mesclagens conceptuais. Assim, para melhor explicitar os conceitos descritos acima, apresentamos, a seguir, as redes que são formadas na projeção dos domínios conceptuais.

### 2.2.1 Tipos de redes

Apesar de se classificar as mesclagens em várias redes de integração, Turner e Fauconnier (2002) enfatizam três, a saber:

- (a) **Redes reflexivas/espelhadas** - as redes espelhadas são caracterizadas por partilharem o mesmo *frame* organizacional, ou seja, um mesmo *frame* estará sendo compartilhado por todos os espaços projetados pela rede conceptual (espaços de entrada, genérico e mescla). Por exemplo, um debate entre um filósofo atual (vivo) e Kant, um filósofo consagrado (morto), elucidada perfeitamente esse tipo de rede integracional. No debate com Kant, Fauconnier e Turner (2002) ilustram esta situação, afirmando que:

“[Kant] Eu assevero que o raciocínio é uma capacidade que se autodesenvolve. Kant discorda de mim sobre este ponto. Ele diz que ele é inato, mas eu respondo que isto é o começo da questão que ele mesmo contraria na Crítica da Razão Pura, de que somente ideias inatas têm poder. Mas então eu pergunto, sobre qual seleção de grupo neuronal? E ele não me respondeu” FAUCONNIER e TURNER (2002, p. 59).

Nota-se que o encontro entre os pensadores só é possível no espaço mescla, visto que Kant está morto e o filósofo moderno, vivo. Além disso, haveriam outras questões que poderiam constituir alguns problemas a este encontro como, por exemplo, o fator linguístico, pois seria necessário que os dois falassem o mesmo idioma, já que Kant era alemão. Deste modo, temos Kant em um dos *inputs* e, no outro *input*, o filósofo moderno. Assim, o espaço genérico então abarca as características pertinentes aos dois *inputs*. Finalmente, o debate entre eles só é possível graças ao espaço mescla, local em que ocorre o encontro entre os pensadores, devido a completude entre os *frames*, que nada mais é do que os nossos conhecimentos anteriores, as nossas experiências armazenadas na memória, o nosso MCI que possibilita o enquadre da cena no espaço mescla;

- (b) **Redes de escopo único** - as redes de escopo único possuem dois espaços de entrada, organizados por *frames* distintos, porém, somente um deles estruturará toda a mescla. Para que possamos compreender tal rede de integração conceptual, podemos considerar o enunciado “A Microsoft nocauteou a Netscape”, que é composto por dois espaços de entrada. No *input* 1, encontram-se os dois boxeadores rivais, em que o primeiro irá nocautear o segundo e, no *input* 2, tem-se as duas empresas concorrentes no ramo de informática, Netscape e Microsoft, em que uma irá vencer a outra. No espaço mescla, serão projetados os boxeadores, representado pelas referidas empresas, e o nocaute da Microsoft sobre a Netscape. Neste tipo de rede, observa somente um *frame*, o box, regendo toda a mescla;

(c) **Redes de escopo duplo** - diferentemente das redes de escopo único, em que apenas um *frame* organizacional é responsável por projetar toda a mescla, as mesclagens de escopo duplo apresentam dois espaços de entrada que são estruturados por *frames* distintos, contribuindo para a emergência do significado dentro do espaço mescla. Um exemplo clássico, utilizado por Fauconnier e Turner (2002), é a área de trabalho de um computador. Nesse tipo de rede, os dois *inputs* possuem *frames* organizacionais diferentes: em um *input*, temos o *frame* de um escritório que contém as pastas, os arquivos, a lixeira e, no outro *input*, o *frame* de comandos operacionais utilizados na área de trabalho do computador. No espaço mescla, temos a projeção estabelecida pelos dois *inputs*, ou seja, são selecionadas as atividades realizadas em um escritório (abrir arquivos, jogar o lixo fora) e os comandos operacionais do Windows (encontrar, substituir, copiar, colar, esvaziar a lixeira, imprimir).

A TIC possibilita a compreensão de sentido por meio de um *insight* global, uma compreensão em escala humana. À medida que vão se formando novos espaços mentais, os elementos projetados nos *inputs* são comprimidos dentro do espaço mescla, indicando os tipos de relações vitais que estão atuando durante todo o processo de mesclagem como veremos a seguir.

### 2.2.2 Tipos de relações vitais

Fauconnier e Turner (2002) apresentam as relações vitais que frequentemente estão envolvidas nas compressões de processos de mesclagem, que são: (a) **Identidade** – relação vital mais básica, primitiva, que ocorre por meio de um processo imaginativo que deve ser construído ou desconstruído. Nos processos de desenvolvimento físico, ocorridos ao longo da vida humana, estabelecem-se relações de Identidade durante o crescimento nas diversas fases graduais comuns a qualquer ser humano; (b) **Parte-Todo** – para melhor ilustrar esta relação vital, Fauconnier e Turner (2002, p. 97) utilizam como exemplo reconhecer alguém somente pela sua face através de uma fotografia. Logo, neste tipo de relação vital temos dois espaços de entrada: um contendo a pessoa a ser identificada e o outro a sua face. No espaço mescla, os dois *inputs* serão comprimidos dentro de uma Singularidade; (c) **Representação** – corresponde a um *input* que pode ser reproduzido por outro *input*, como, por exemplo, o fato de pensarmos em um ator encenando um personagem; (d) **Papel / Valor** – é uma relação estabelecida entre um elemento

e o papel que ele desempenha como, por exemplo, Lincoln que representa o papel de presidente dos Estados Unidos após ter sido eleito em 1981. Portanto, ao pensarmos em Lincoln, rapidamente o reconheceremos devido a função que desempenhou como chefe de estado; (e) **Analogia** – relações vitais de Analogia podem ser concebidas por meio da compressão de Papel-Valor. Os espaços de entrada constituídos pelos valores de papel e de valor pertencem a redes de integração diferentes, permanecendo interligadas através de um conector de identidade, dessa forma, um mesmo *frame* conceptual é partilhado pelos espaços mesclas das redes de integração, estabelecendo uma compressão vital de Analogia; (f) **Similaridade** – relação vital estabelecida através de elementos que partilham propriedades dentro de um mesmo espaço mental. Fauconnier e Turner (2002) ilustram esse tipo de relação vital ao exemplificar a utilização de dois pedaços de tecido que quando colocados um ao lado do outro apresentariam traços de similaridade entre eles, como, por exemplo, possuírem a mesma cor. Dessa forma, a percepção de similaridade é comprimida dentro do espaço mescla a partir de uma escala humana; (g) **Categoria** – para entendermos essa relação vital, utilizaremos o exemplo descrito por Fauconnier e Turner (2002, p.100) entre um vírus biológico e um vírus de computador. A relação vital de Analogia, entre o vírus biológico e o vírus produzido por um *software*, mal-intencionado, que se instala silenciosamente em seu computador, será comprimido dentro de uma relação de categoria no espaço mescla; (h) **Intencionalidade** - relação vital ligada à esperança, ao desejo, ao medo, às crenças e à memória. Perceber e utilizar essa relação vital está diretamente ligado à nossa capacidade de conceptualização de um evento como natural e inconsciente ou proposital e consciente. Nos exemplos, (1) Ele morreu de câncer e (2) O câncer o levou, retirado de Fauconnier e Turner (2002, p. 100), temos esse tipo de relação vital, de modo que ao utilizarmos o exemplo (2) intencionamos suavizar o peso da triste notícia; (i) **Singularidade ou unicidade** – a forma como pensamos é uma ferramenta fundamental durante o processo de compressão de diversas relações vitais em uma singularidade, tornando-se exclusivas, dentro do espaço mescla. Fauconnier e Turner (2002) ilustram esse tipo de relação vital, apresentando o exemplo de dois pedaços de tecidos que são postos lado a lado, de modo que tanto um quanto o outro têm traços similares, como cor e tamanho. Logo, a relação vital de similaridade é comprimida dentro do espaço mescla.

A mente humana constrói sentidos inteligíveis continuamente por meio da compressão dessas relações vitais. A mesclagem é uma ferramenta de compressão por excelência, visto que temos projeções seletivas em diferentes espaços relacionados e a sua integração na mescla

produz um processo excepcionalmente forte de compressão e otimização de nossa memória, tornando-se um poderoso processo a partir do qual somos capazes de estabelecer e compreender os significados decorrentes da criatividade humana. Assim, numa cerimônia de graduação, por exemplo, temos a compressão de tempo e mudança. Dessa forma, as relações vitais constituem as relações entre os quatro espaços da rede de mesclagem, otimizando, compactando e facilitando a assimilação dos conteúdos.

### 3. Metodologia

A análise e discussão desta pesquisa baseia-se em postagens, coletadas na página virtual da UDD, que surgiu em 31 de dezembro de 2010 na rede social *Facebook*. Inicialmente, o objetivo da UDD era, de fato, informar os universitários da UERJ, de forma bem-humorada, dos atos cotidianos ocorridos no *campus* universitário. No entanto, com o aumento da popularidade da página, medida pelo número de seus seguidores, que já ultrapassa a marca de 58000 curtidores<sup>1</sup>, os administradores da UDD, responsáveis pelas imagens e conteúdo das publicações, passaram a diversificar os assuntos postados na página virtual, ampliando seu escopo para fatos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro, sede da universidade, mas mantiveram a forma descontraída de suas postagens. Diante de sua projeção no *Facebook*, seus administradores começaram a extrair postagens humorísticas de outras páginas virtuais que seguissem a temática dos eventos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro, perdendo-se assim a questão autoral. Deste modo, após a recolha dos dados, estabeleceu-se um contato com os administradores da página virtual a fim de obter informações sobre a autoria das publicações e a motivação dos conteúdos publicados. Com isso, o critério adotado na seleção das postagens, analisadas neste artigo, foram: (a) imagens que fossem criadas pelos administradores da UDD; e (b) a motivação de cada publicação e qual a sua relação com a UERJ, permitindo-nos uma interpretação preliminar acerca do conteúdo e do caráter humorístico das postagens da UDD, já que os comentários resumiam-se a enunciados como “kkkkkkkkk” e “entendi”.

Após a seleção das postagens, feita a partir de uma coleta aleatória entre os meses junho de 2013 e agosto de 2014, realizou-se um teste interpretativo com três postagens a fim de aferir o sentido evocado na interação texto-imagem. Nesse teste, as três postagens selecionadas eram apresentadas a informantes de outra universidade e lhes era solicitado que redigissem um

---

<sup>1</sup> Na rede social *Facebook*, o termo curtidor refere-se aos usuários que acompanham as postagens publicados por determinada página virtual.

pequeno texto sobre o sentido atribuído a cada postagem. O teste escrito contou com a participação de 15 estudantes de graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), de ambos os sexos, falantes nativos de língua portuguesa e residentes na cidade do Rio de Janeiro.

Como o teste interpretativo visa identificar se os falantes acessam a mesma interpretação na interação texto-imagem de seus criadores, os administradores da UDD, adotou-se uma metodologia de análise qualitativa de dados, interessando-nos saber quais os sentidos atribuídos à interação texto-imagem das três postagens e qual(is) o(s) sentido(s) predominante(s) na interpretação dos 15 sujeitos, não sendo apresentado assim um levantamento quantitativo.

#### 4. Análise e discussão dos dados

Nesta seção, será apresentada e discutida a análise de três postagens publicadas pela UDD, tomando por base as interpretações realizadas pelos universitários e pelos administradores da página virtual.

A primeira publicação, refere-se à ilustração da rainha de copas, publicada no dia 15 de junho de 2014.

Figura 2 – Rainha das Copas.



Fonte: UDD (15/06/2014).

Nesta postagem, temos a imagem da presidente Dilma Rousseff vinculada à imagem da Rainha de Copas, uma das personagens da história infantil “Alice no país das maravilhas”. A rainha, durante o enredo da fábula, é retratada como uma personagem de personalidade forte, intolerante, tornando-se famosa pela célebre frase: “Cortem-lhe a cabeça”. Outro aspecto relevante é que, apesar de comumente sentenciar todos aqueles que questionam suas ordens,

condenando-os à pena de morte, grande parte dos condenados são perdoados pelo Rei de Copas, fazendo com que os soldados da corte a humorizem e não lhe obedçam.

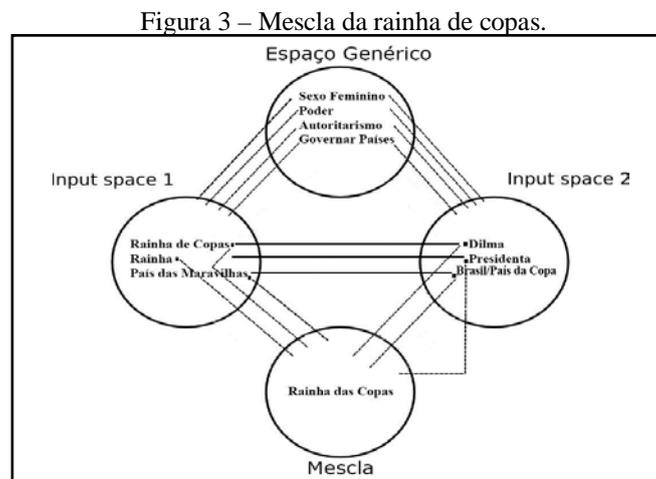
Para dar conta do significado expresso na figura (2), é necessário lembrarmos a crítica dirigida à presidente e ao seu governo que provém da insatisfação da sociedade com a candidata eleita. Esta postagem surgiu após Dilma ter sido vaiada durante a cerimônia de abertura da Copa do Mundo de 2014 que ocorreu no Brasil. Essa foi a interpretação recorrente apresentada pelos universitários no teste interpretativo.

Nota-se que o efeito humorístico ocorre pelo descontentamento do povo em relação aos altos gastos financeiros com os estádios de futebol diante do colapso de outros setores do país como, por exemplo, a educação, a saúde e os transportes, que receberam poucos recursos orçamentários. Além disso, os escândalos, ocorridos no mandato da presidenta, eram cada vez mais frequentes e a “decaptação” de assessores e ministros, envolvidos em práticas ilegais e ilícitas, tornou-se necessário para que a rainha depurasse seu governo.

A conceptualização da imagem (2) dá-se por meio da seguinte metáfora conceptual: PESSOAS SÃO PERSONAGENS DE LITERATURA. A partir do conhecimento que temos sobre as fábulas infantis e seus personagens, podemos relacionar determinadas características, marcantes a Rainha de Copas, àquelas atribuídas a Dilma Rousseff e seu governo. Assim, temos a seguinte projeção:

Pessoas (Dilma Rousseff) são personagens de literatura (Rainha de Copas).

A rede de integração conceptual, construída por meio da atribuição de sentido dada a imagem, é proposta na Figura (3):

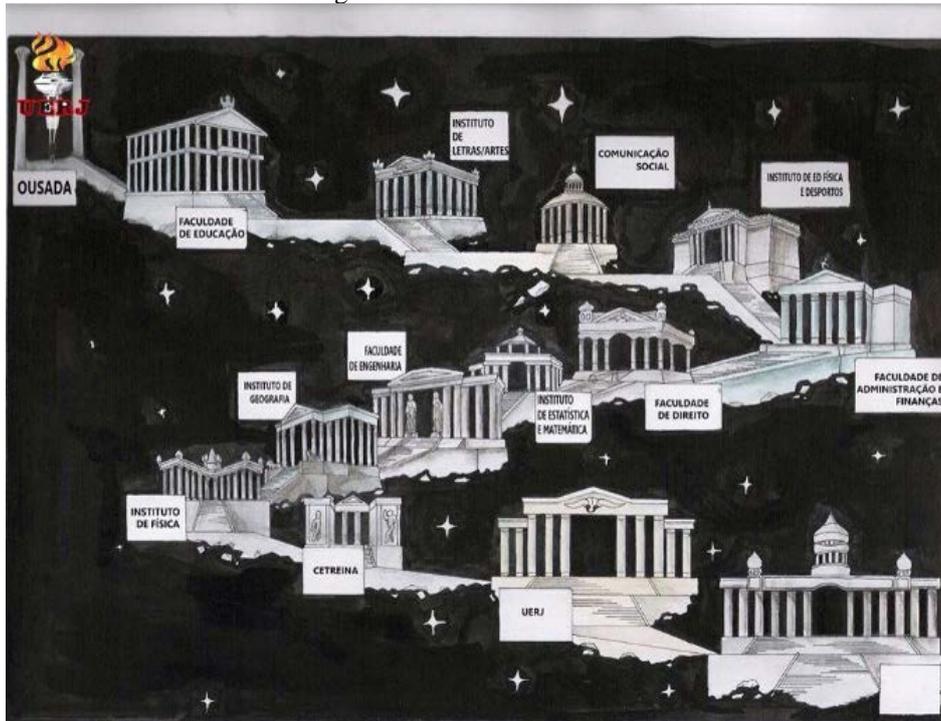


Fonte: elaboração própria.

Nessa rede, temos um espaço genérico com as características comuns a Dilma e a Rainha de Copas: (a) o *input* 1, organizado pelo *frame* da personagem; (b) o *input* 2, organizado pelo *frame* da presidente; e (c) o espaço mescla, no qual emerge o significado atribuído à imagem (1). Apesar da mescla possuir dois *frames* distintos, um em cada espaço de entrada, percebe-se que somente um *frame* é responsável por estruturar toda a rede, o *frame* da literatura infantil, constituindo, assim, uma rede de escopo único. As relações vitais que predominam na rede em questão são: (a) Analogia – na mescla da Figura (3), temos dois espaços mescla com enquadres diferentes que adquirem o mesmo *frame* estrutural que há em comum entre eles, ou seja, tanto a rainha quanto a presidente estão ligadas a posições hierárquicas de liderança, tornando-as análogas; (b) Papel / valor – Nota-se que Dilma desempenha o papel de presidente da república enquanto o papel de rainha do país das maravilhas é atribuído a Rainha de Copas. Quando pensamos em Dilma, automaticamente atribuímos a ela a função de presidente da República. O papel de presidente possui o valor de chefe de Estado e não há como pensar em um papel sem relacioná-lo ao outro; (c) Identidade – na Figura (3), percebemos as identidades da Rainha de Copas e da Presidenta Dilma Rousseff; (d) Representação – na rede conceitual da Figura (3), temos um *input* representando outro *input*. Em um espaço de entrada, temos a Dilma e, em outro, a Rainha de Copas, representando a presidente. Na mescla, ambas estão ligadas, por meio da coisa representada e o elemento que representa a coisa, e são comprimidas dentro de uma singularidade.

A segunda postagem, publicada no dia 20 de agosto de 2014, refere-se a uma ilustração criada pelos administradores da UDD que remete a uma relação direta entre a UERJ e a série japonesa de mangá, adaptada para anime, Cavaleiros do Zodíaco.

Figura 4 – Doze casas/andares.

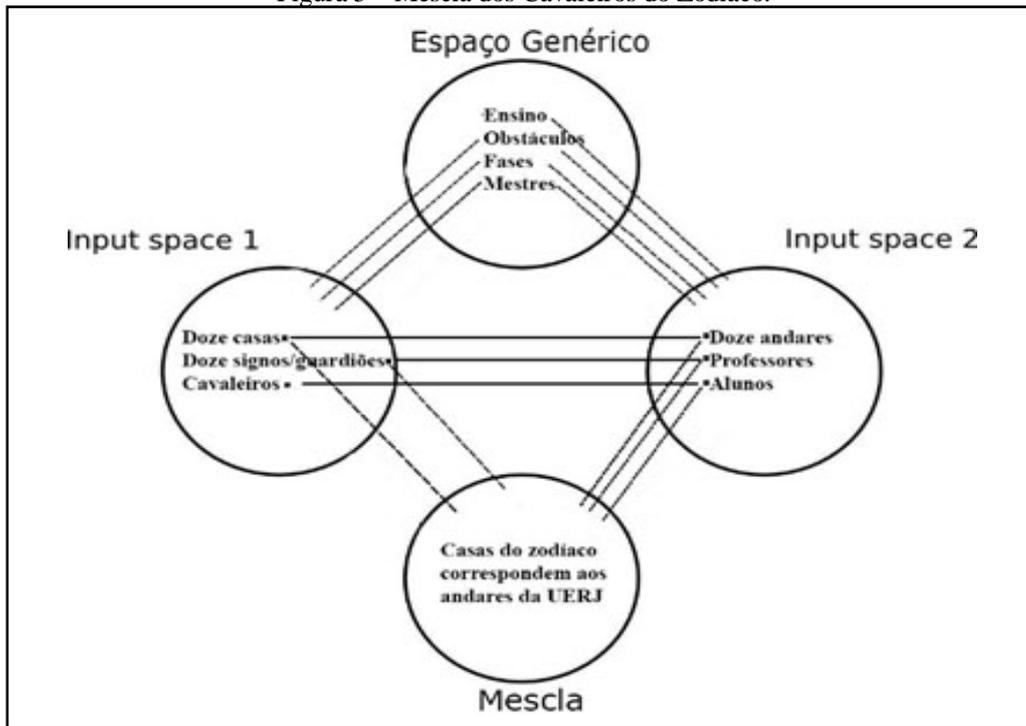


Fonte: UDD (20/08/2014).

Na figura (4), temos a figura das doze casas zodiacais, provindas de um desenho animado japonês, conhecido como “Cavaleiros do Zodíaco”, vinculada a espaços da UERJ. Na animação japonesa, a história é composta por cinco guerreiros místicos que recebem a difícil missão de salvar a Deusa Atena e, para alcançar seu objetivo, devem passar pelas doze casas, protegidas pelos doze cavaleiros que representam cada um dos signos zodiacais.

No teste de interpretação, os universitários estabeleceram uma relação de sentido com o desenho animado ao compararem: os cavaleiros de Atena aos alunos de graduação; os doze andares da UERJ às doze casas do zodíaco da animação; os defensores de cada casa aos professores; e o longo percurso, cheio de obstáculos para que se chegasse até a deusa Atena, aos mestres “defensores” de cada matéria que constituem a provação final para que saiam vitoriosos de sua “jornada”, a graduação acadêmica. A partir das analogias diretas, feitas pelos alunos entrevistados sobre a figura (4), é possível projetar a seguinte rede de integração conceptual, representada na figura (5):

Figura 5 – Mescla dos Cavaleiros do Zodíaco.

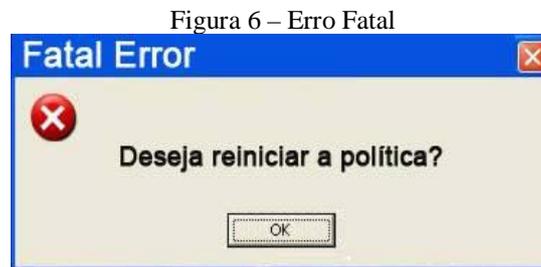


Fonte: elaboração própria.

A figura (5) é formada por: (a) um espaço de entrada (*input 1*), contendo o *frame* do desenho; (b) outro espaço de entrada (*input 2*), que contém o *frame* da UERJ; (c) um espaço genérico, estruturado pelas propriedades comuns aos dois *inputs*; e (d) um espaço mescla, formado pela projeção dos dois *inputs*, que torna possível a atribuição de sentido dada pelo leitor. A figura (4) compõe uma rede de escopo duplo, pois temos dois *frames* organizacionais distintos, vindos dos *inputs 1* e *2*, estruturando toda a mescla.

No esquema proposto na figura (5), notam-se as seguintes relações vitais: (a) Representação – tem-se o *input* do desenho representando o *input* da universidade; (b) Analogia – as doze casas do zodíaco comparada aos doze andares da UERJ; (c) Similaridade – é estabelecida através de elementos que são partilhados pelo *frame* do desenho e pelo *frame* da UERJ, uma vez que, ambos apresentam traços de similaridade, pois a instituição de ensino superior possui doze andares e o desenho animado doze casas zodiacais. Os traços de similaridade são comprimidos em único espaço mental dentro do espaço mescla; e (d) Singularidade – as relações vitais de analogia e similaridade são comprimidas dentro do espaço mescla, tornando-se únicas.

A terceira postagem, obtida no dia 18 de junho de 2013 e publicada pelos administradores da UDD, refere-se à relação de sentido estabelecida entre a plataforma Windows e a política brasileira, como se vê em (6):

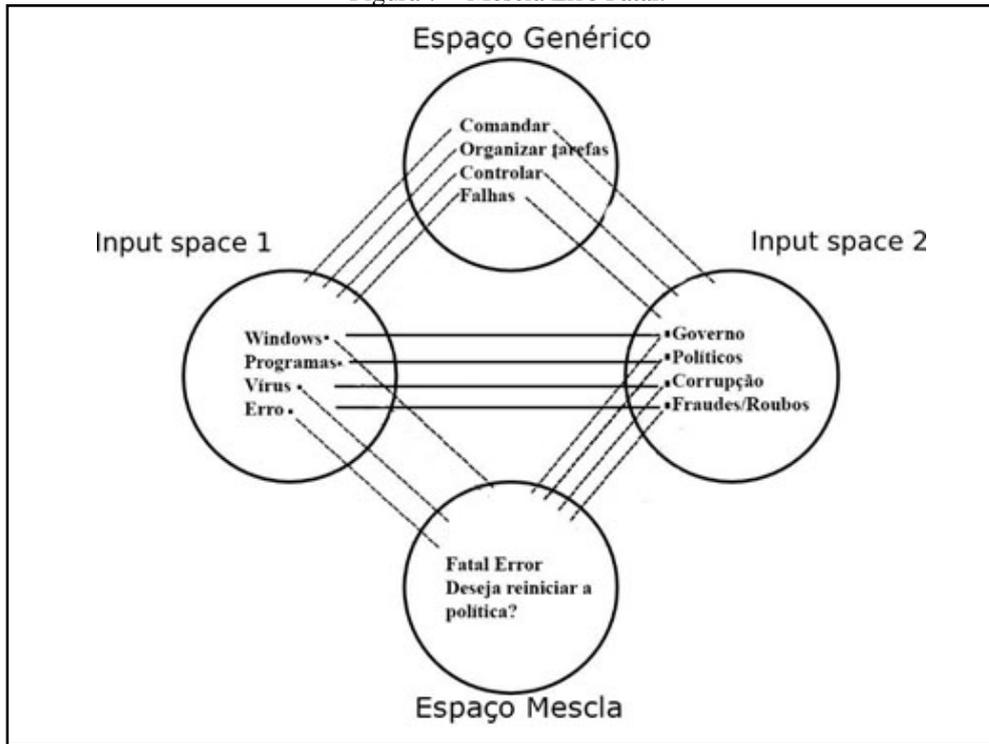


Fonte: UDD (18/06/2013).

Na figura (6), temos a categorização da política brasileira em programas de computador e, mais especificamente, a programas que estão danificando o sistema operacional da plataforma da Microsoft (Windows). Quando esta tela aparece, ela indica que será necessário reinstalar todos os programas da plataforma Windows, o que acarreta a perda dos arquivos armazenados no disco rígido do computador, e, com isso, é necessário recomeçar do zero.

No teste interpretativo, os graduandos estabeleceram uma relação de sentido entre um erro fatal (figura 6) e a política brasileira, que, segundo os próprios universitários, ocorre em função dos frequentes escândalos de corrupção, protagonizados pelos políticos brasileiros que ocupam cargos importantes na administração do país. Desvios de verbas, contas no exterior e manipulação de votos funcionam como ações danificadoras do sistema de governo do Brasil, ocasionando o aparecimento da tela de erro. Para tais graduandos, a postagem sugere que esse sistema corrompido só poderia ser restaurado às suas configurações originais se houver a “reinicialização da política”, deletando todos os partidos (pastas), governos (disco rígido) e políticos (usuários do computador), emergindo, dessa forma, um novo governo, reinstalado, sem o vírus da corrupção ativo e um novo sistema operacional pronto para atuar. A rede de integração conceptual que descreve a construção de sentido da imagem (6) é apresentada na figura (7).

Figura 7 – Mescla Erro Fatal.



Fonte: elaboração própria

Na figura (7), temos: (a) um espaço de entrada (*input 1*), formado a partir do *frame* de programas de computador; (b) um segundo espaço de entrada (*input 2*), formado a partir do *frame* de governo; e (c) um espaço mescla, composto pelos *frames* que vêm de cada espaço de entrada e que são responsáveis pela projeção do significado. A figura (7) é estruturada pelos dois *frames* que compõem a mescla (programas de computador e governo brasileiro), constituindo uma rede de duplo escopo. As relações vitais existentes nessa rede são: (a) Categorização – os programas de computador, na figura 6, possuem uma relação direta de analogia ao governo brasileiro, emergindo no espaço mescla uma relação de categoria em um único espaço mental; e (b) Intencionalidade – na figura (6), temos a descrença e o descontentamento da população brasileira com o atual governo, buscando o desejo de mudança, que é estabelecido pelo enunciado: “Deseja reiniciar a política?”.

## 5. Considerações finais

Neste artigo, focalizamos o potencial descritivo das teorias da Metáfora e da Mesclagem Conceptual na análise de produções multimodais, constituídas pelas interações entre imagem e texto.

As postagens, encontradas na página da UDD, apresentam mapeamentos entre os domínios e atuam em conjunto com os espaços mentais. Essas publicações revelam a criatividade metafórica no uso da linguagem cotidiana, expressa nas imagens aliadas aos elementos textuais e em suas interpretações de sentido. À medida que lemos cada postagem, vários *frames* são ativados em nossa mente, atuando como facilitadores da compreensão de cada produção multimodal.

As redes de integração, formadas a partir de cada postagem, demonstram como somos capazes de conceptualizar o mundo que nos cerca por meio de conceitos cotidianos. É uma ação tão comum que a empregamos o tempo todo, mesmo que inconscientemente. Portanto, as postagens apresentadas e analisadas permitiram-nos revelar que as metáforas influenciam nossos pensamentos e nossas ações (consciente ou inconscientemente) quando nos comunicamos. Afinal, ocorre a interação de nosso conhecimento enciclopédico com nosso sistema linguístico, evocado na compreensão das imagens, que molda metaforicamente a conceptualização cotidiana durante o processo de comunicação.

## Referências

EVANS, V.; GREEN, M. **Cognitive Linguistics: An Introduction**. Endinburgh, Endinburgh University Press, 2006.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities**. New York, Basic Books, 2002.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (org.). **Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hanshin, 1982.

KÖVECSES, Z. **Metaphor: A practical introduction**. Oxford (2<sup>a</sup> ed.), Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: University of Chicago Press, 1987. <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226471013.001.0001>

\_\_\_\_\_; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. (Coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto). Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, (2002]1980])

PÁGINA DE RELACIONAMENTO UERJ DA DEPRESSÃO (UDD). Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/uerjdadepressao> . Acesso entre junho de 2013 e agosto de 2014.

Artigo recebido em: 13.01.2017

Artigo aprovado em: 25.04.2017